

## A teoria winnicottiana do amadurecimento pessoal

Zeljko Loparic

Professor-titular aposentado do Departamento de Filosofia da Unicamp, docente do Curso de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP

A teoria winnicottiana do amadurecimento pessoal situa-se no campo da psicanálise. Antes de passar à exposição, farei uma breve chamada para a diferença entre a psiquiatria médica e a psicanálise.

A psiquiatria é uma ciência que concebe o ser humano como um mero fato, um efeito de causas, uma coisa em conexão causal com outras coisas da natureza. Como os seres humanos são vistos como coisas, eles podem também ser tratados como coisas. Nada impede, em particular, que os distúrbios da vida humana sejam submetidos à manipulação meramente técnica. Esse é o paradigma que guia, nos dias de hoje, os trabalhos de teorização, a pesquisa empírica e a clínica na psiquiatria médica.

Na psicanálise, notamos a existência de um conjunto de idéias-guia, tais como desejo, angústia e compreensão, que parecem pertencer a um outro paradigma. Em sua clínica, Freud trabalhava como psicólogo, ele se interessava pelo *sentido* de sintomas e pela *compreensão* de sintomas. Mesmo assim, o quadro metapsicológico geral no qual Freud situava seus estudos do ser humano ainda era o das ciências da natureza. Ele concebia o psiquismo humano como um aparelho movido a forças em conformidade com o princípio de causalidade. Apesar de buscar “libertar” o homem da dor e da doença, Freud não conseguiu ultrapassar o naturalismo e considerar seriamente a idéia de que o ser humano não era apenas uma peça da natureza (uma molécula gigante ou coisa parecida), mas um ser dotado de liberdade. Por essa razão, ele tampouco pôde reconhecer que existiam sofrimentos humanos que deveriam ser estudados única e exclusivamente à luz da peculiar condição humana.

Na psicanálise, essa virada foi realizada por Donald W. Winnicott. Winnicott recusou explicitamente o naturalismo e o determinismo. Não que ele ignorasse o físico, mas ele entendia que existiam problemas de saúde que não podiam ser postos na conta das funções fisiológicas e tratou de elaborar uma ciência de, pelo menos, uma parte desses distúrbios. Essa ciência é a psicanálise winnicottiana. Ao constituí-la, Winnicott mudou os pressupostos essenciais da psicanálise tradicional, operando a transição do modelo naturalista e objetivante do ser humano, característico da psiquiatria e da psicanálise tradicional (Freud, Klein, Bion, Lacan) para um modelo decididamente não-

naturalista. Dada a conexão íntima entre a metapsicologia de Freud e a metafísica moderna, podemos chamar o modelo winnicottiano do ser humano de *pós-metafísico*. É nesse *novo paradigma* que foi desenvolvida a teoria winnicottiana do amadurecimento pessoal.

A diferença que separa a psicanálise winnicottiana da freudiana não é apenas teórica, ela diz respeito também à concepção e à formulação de problemas clínicos. O problema paradigmático de Freud é o Complexo de Édipo e seus derivados. Segundo o criador da psicanálise, todo ser humano passa pela angústia de castração que resulta do conflito interno entre o desejo genital da mãe e o medo da vingança do pai, acompanhado, normalmente, da fantasia ou mesmo da vontade de assassinar o pai. As partes essenciais da teoria psicanalítica pré-winnicottiana são, a saber: a concepção da sexualidade, da estrutura do sujeito, da etiologia e da nosologia dos distúrbios psíquicos e, por fim, da ordem sociocultural que foram desenvolvidas a partir da situação edípica.

Já Winnicott, que trabalhou a vida toda também como pediatra, constatou a existência de distúrbios graves muito precoces nas crianças e mesmo nos bebês, que em nada se relacionam com a angústia de castração decorrente da situação edípica. A partir dessa descoberta de problemas não solúveis por meio da teoria psicanalítica centrada no Complexo de Édipo, Winnicott iniciou uma pesquisa que poderíamos caracterizar como revolucionária, pois visava dar conta das angústias que chamou de “impensáveis” e que não podiam ser pensadas na chave edípica. A revolução winnicottiana na psicanálise não se iniciou, portanto, a partir da crítica da teoria freudiana do ser humano, mas pela observação da existência de problemas anômalos no interior do paradigma freudiano. A mudança do paradigma da psicanálise operada por Winnicott não concerne nem exclusivamente nem em primeiro lugar a um ponto de teoria, mas aos problemas básicos da clínica psicanalítica. Para Winnicott, esses problemas são os do bebê no colo da mãe e não mais os do andarilho na cama da mãe.

Ao constatar que o bebê pode adoecer e mesmo psicotizar no colo da mãe, Winnicott começou a vislumbrar que o problema básico subjacente não pode ser o da sexualidade, mas o da continuidade do ser e do

crescimento. O bebê psicotiza não porque é frustrado, mas porque não consegue mais crescer ou, pior ainda, continuar existindo. A partir desse momento, o problema do crescimento humano tornou-se o problema teórico central da psicanálise winnicottiana. Tendo recusado o naturalismo, Winnicott não pôde mais conceber o crescimento como um processo biológico. Só lhe restava uma alternativa: tentar entendê-lo como um problema de amadurecimento pessoal, mais precisamente como um problema de tornar-se si mesmo.

Não é o bebê, como entidade física, que amadurece, dirá Winnicott, mas o “eu” do bebê. Isso explica como pode haver seres humanos biologicamente adultos e psicologicamente imaturos, indivíduos que não conseguiram criar identidade pessoal e tornar-se pessoas inteiras. Além disso, o processo de amadurecimento não acontece automaticamente, ele precisa ser facilitado por outros seres humanos. Isso significa, em particular, que, no início, o ser humano só amadurece na relação com a mãe-ambiente suficientemente boa e de nenhuma outra maneira. Essa é uma relação a dois e não a três, e não tem, portanto, nada em comum com a relação edípica. O amadurecimento é um acontecer permanentemente frágil e, por isso, sempre inclui a possibilidade de alguém não apenas sofrer, mas de adoecer por não conseguir ser si mesmo, inteiro, existir ou mesmo deixar de existir. Sim, em Winnicott, poder morrer faz parte da integridade pessoal. O problema da identidade, assim como todos os problemas humanos, origina-se na *tendência à integração* que caracteriza a natureza humana. No ser humano, desde o nascimento até a hora da morte, a integração é o assunto-chave. Por isso, a ameaça-chave é não estar integrado, e sim estar desintegrado, dissociado. Esse é um registro de idéias muito diferente da psiquiatria médica e mesmo da psicanálise freudiana.

Essa concepção da natureza humana não surgiu, repito, da especulação filosófica ou das preferências religiosas. Ela foi sugerida a Winnicott pela observação de que a esquizofrenia ou a cisão é o cerne da doença psíquica tanto nos bebês como nas crianças e nos adultos. O mesmo material clínico sugeriu a Winnicott a idéia de indivíduo humano que está às voltas com o problema da unidade – da sua, da dos outros e do seu mundo – e não está primariamente interessado em objetos e nos prazeres que estes proporcionam ou deixam de proporcionar. Os problemas centrais da vida humana não dizem respeito a objetos do desejo, em particular, à mãe, e sim a formas da unidade, à unidade também com a mãe e não à satisfação. Em oposição a Freud, Winnicott vai insistir em dizer que o ser humano não busca obter prazer e evitar desprazer, mas procura tornar-se alguém capaz de viver uma vida que valha a pena.

Em Winnicott, existir significa, portanto, *ter que se integrar*. A tendência à integração desdobra-se em uma seqüência temporal de *tarefas*. Ao amadurecer, os indivíduos passam por fases, estágios, etapas, cada etapa seguinte caracterizando-se por novas tarefas, e o amadurecimento consiste precisamente na solução satisfatória dessas tarefas sucessivas, cada vez mais complexas, sendo que a solução das tarefas posteriores depende do sucesso da solução das anteriores. Complexidade não é o mesmo que dificuldade. De fato, uma das primeiras tarefas do bebê humano, a de constituir a relação de unidade com uma mãe externa, é considerada por Winnicott a mais difícil.

Quando um problema de integração não é resolvido da maneira satisfatória, o crescimento do indivíduo estanca e a pessoa torna-se doente. A doença psíquica é a parada no crescimento, devido à defesa ou à reação contra a angústia diante do fato de, tendo que acontecer, o crescimento fica bloqueado; portanto, quando aquilo que deveria ter acontecido não acontece. (Em Freud, o inconsciente que causa sintomas neuróticos é algo que aconteceu, mas que não devia ter acontecido.) Uma doença psíquica é essencialmente um tipo de imaturidade. Deixando de lado os fatores físicos, isso só acontece quando o ambiente não fez a sua parte, isto é, não fornece a provisão necessária para a fase do crescimento em que o indivíduo se encontrava na hora de adoecer.

O meu propósito não é seguir adiante nesse exame do conceito winnicottiano de etiologia da doença psíquica, elaborado no quadro de sua teoria do amadurecimento. Vou me restringir a explicar melhor as etapas principais do acontecer maturacional.

A solução de qualquer problema do amadurecimento pressupõe que o bebê seja espontâneo e isso, por sua vez, implica que ele exista. Ora, segundo Winnicott, essa pressuposição não sai de si, pois o bebê humano nasce sem ser ainda um si mesmo, um alguém, sem ter base para existir. Winnicott vai até dizer que o bebê não existe como uma entidade separada, que ele só existe na relação com a mãe e, sendo assim, sua primeira tarefa consiste em constituir um chão próprio sobre o qual poderá se assentar e existir como alguém criativo e espontâneo. Esse chão, o bebê não pode criar sozinho, ele só pode tomá-lo emprestado dos cuidados da mãe. Isso acontece por meio da “identificação primária” do bebê com a mãe, mais precisamente com a mãe-ambiente que sustenta o seu acontecer. Portanto, antes de resolver qualquer uma de suas três tarefas básicas, o bebê *tem que* ser a mãe, ser o seio, não o seio-objeto, mas o seio-cuidado. A primeira experiência de ser ele mesmo, condição de todas as outras experiências, depende essencialmente da confiável e monótona presença da mãe, do colo da mãe, o lugar onde o infante pode começar a ser ele mesmo.

Feita essa conquista, tendo adquirido o sentimento de ser, o bebê poderá começar a tratar de suas primeiras tarefas. Na fase inicial, denominada por Winnicott como fase da primeira mamada, as tarefas são três: início de integração no tempo e no espaço, de alojamento no corpo, de relacionamento com os objetos. Em primeiro lugar, o bebê ainda não sabe a hora e vai ter que aprender isso; ele não sabe onde está, nem mesmo como se mover e vai ter que aprender isso também. De início, seu tempo e seu espaço terão, que fique bem entendido, características peculiares, bem diferentes das do tempo e do espaço objetivamente percebidos e compartilhados pelos adultos. Em segundo lugar, há o problema de integrar o corpo. Embora seja quase só corpo, o bebê, paradoxalmente, ainda não tem corpo. Ele não sabe pegar nas coisas, não sabe fazer gestos. Em terceiro lugar, o bebê ainda não sabe o que fazer com as coisas, nem mesmo brincar, não por ser autista, mas porque não consegue manter uma relação estável com o que não é ele. Ele está apenas no início da solução de seu terceiro problema básico: a relação com objetos. Em virtude disso, ele tampouco sabe se comunicar, não por não ter linguagem, mas porque não sabe se dirigir a algo objetivamente preciso. Assim mesmo, ele já se comunica, mas esse comunicar é totalmente privado, e não público, algo que só pode acontecer em intimidade entre a mãe e o bebê.

Mesmo que tudo corra bem nessa fase, o bebê não saberá, ainda, usar objetos. Em seguida, ele terá que aprender isso também. Ele tampouco sabe amar objetos diferentes dele mesmo ou ter fantasias a seu respeito. Ele terá, portanto, que aprender a amar e a fantasiar, que são aquisições típicas da fase do uso de objetos. Vencida essa fase, o bebê depara-se com um outro problema extremamente ameaçador. Até então, ele usava a mãe sem se preocupar com ela. Agora, ele começa a se dar conta de que o seu uso excitado causa desgaste e ataca a mãe, isto é, precisamente a pessoa de quem depende quase totalmente em seus estados tranqüilos. Esse é o momento em que o bebê passa a sentir a necessidade de integrar, pelo lado objetivo, a mãe do uso excitado com a do uso tranqüilo e, pelo

lado subjetivo, a seu próprio modo de ser excitado com o tranqüilo. Se tudo correr bem, ele começará a ficar compadecido, isto é, preocupado com a mãe, responsável pelo que faz ou deixa de fazer e capaz de remendar os estragos que causa. Assim, surge, diz Winnicott, o primeiro e fundamental sentido de moralidade, ainda inteiramente pessoal e não social.

Em seguida, já criança, o indivíduo terá que aprender a lidar com suas excitações sexuais, tornar-se um ser sexuado, capaz de fantasias e de atos genitais.

Nada do que irá acontecer nas fases anteriores irá relacionar-se com a sexualidade como tal. Esse é um assunto avançado, próprio da fase em que a criança começa a entrar em relações interpessoais entre três ou mais pessoas inteiras e externas umas às outras. A *criança* na cama da mãe só pode acontecer se o *bebê* aprendeu a usar objetos externos, em particular a mãe, ficando a mãe lá e ele cá, a ter uma agressividade, a fantasiar, a ser responsável e, por fim, a elaborar de uma maneira própria as funções corpóreas ligadas aos órgãos genitais.

Vem, em seguida, a adolescência, o mundo adulto – haveria muita coisa para se falar – e, finalmente, a morte. A morte também tem que ser integrada. Um homem só é maduro se puder, inclusive, morrer. Quem não pode morrer permanece, sob esse ponto de vista, não-integrado. Mas que ponto de vista é esse? Que resta a ser integrado depois de tudo ser integrado? A resposta de Winnicott é a seguinte: resta a cada um de nós integrar o seu começo, o lugar de onde veio e que foi esquecido na ilusão da onipotência inicial que acompanha a experiência da criatividade e da espontaneidade. Que lugar é esse? O lugar anterior ao estar-vivo e que, às vezes, parece-nos acessível, diz Winnicott, por uma regressão extrema. Não se trata de mais um passo para frente, mas sim de um passo para trás, de um crescimento ainda assim, mas em direção a um estado em que ainda não existíamos. O ser humano maduro é aquele que pode até não existir.

Essas são, portanto, algumas das idéias centrais – algumas óbvias, outras surpreendentes e mesmo paradoxais – que constituem a teoria winnicottiana do amadurecimento humano.